

TRIBUNA Livre

15
JULHO
1972

À Biblioteca Pública de

Braga

SEMANARIO CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

FRATERNIDADE RACIAL FÉRIAS

Característica do Povo Lusíada

Da última «Conversa em Família» de Sua Ex.a o Senhor Presidente do Conselho, avulta o conceito de «sociedade multirracial» que se pretende cada vez mais integrada na comunidade lusíada espalhada pelo mundo, caso difícil para outras nações que a não souberam cultivar, fugindo ao convívio fraternal com os povos que contactaram mas que os portugueses aclimataram, em cada hora, ao padrão ocidental, respeitando os costumes e qualidades dos povos assimilados, em perfeita simbiose de raças e costumes. Este ponto da fraternidade racial é a força dominante que manterá em pé a integridade nacional.

A vocação universalista da gente portuguesa através dos séculos, bem vincada na perfeita coexistência racial, não somente nas províncias metropolitanas e ultramarinas — até no martirizado Estado da Índia —, mas também em toda a parte aonde chegou e se conserva um núcleo lusitano, de modo singular no imenso Brasil, unido e plasmado pelo génio luso numa grande nação multirracial, representa, na actual conjuntura política das nações, contributo de primordial importância na solução do conflito racial.

A inegável característica da convivência racial lusíada pode converter Portugal em Nação una e indivisível, com províncias espalhadas por quatro continentes e constituídas por povos, étnica e éticamente dos mais variados matizes.

Esta feição multirracial e pluricontinental que desperta a atenção mundial e se afigura enigmática a muita gente mal informada, mereceu a compreensão e apoio de grandes filósofos, historiadores e sociólogos da craveira de Arnold Toynbee e Gilberto Freire que, entre outros, se debruçaram sobre o fenómeno racial, nomeadamente, sobre o vaso português, possivelmente, aquele que mais precisa de aturado estudo, pois em nenhuma outra, como na nossa experiência política, velha de sé-

culos, se poderá colher dados tão seguros, contributo tão adquado à solução do problema da fraternidade humana.

A segregação racial, considerável ponto de desunião no mundo de hoje, tanto na África Negra como em nações de elevado nível de civilização como os E. U. A. é importante factor de desordem social, com pugnas políticas de consequências degradantes, convulsões sociais a que, por princípio, se encontram alheios os portugueses de todos os quadrantes.

Podemos situar esta nossa posição privilegiada, como tendo as verdadeiras pontes de sociabilidade racial, na lusitanidade que soubemos criar e pusemos ao serviço

de todas as raças, alicerçada na fé e na tolerância, feita de experiência quase milenária e assente, essencialmente, nos princípios humanitários de índole cristã, através da acção missionária que desenvolvemos por toda a parte, ao lado dos meios suasórios, preferidos aos primitivos, tanto quanto possível, e que muito nos auxiliaram a manter a soberania nacional.

* * *

MIGRAÇÃO

Toda a Península Ibérica sofreu intensa migração de povos colonizadores e invasores durante milénios, de modo especial a orla marítima, servida pela navegação

(Continua na 4.ª página)

Substituída a Estrutura Escolar Do ciclo complementar dos Liceus

O ministro Veiga Simão exarou um despacho pelo qual é substituída a estrutura escolar do ciclo complementar dos liceus (antigos 6.º e 7.º anos), dando-lhe maior flexibilidade e actualidade. Trata-se de uma experiência pedagógica com disciplinas obrigatórias e optativas, permitindo uma mais perfeita decisão sobre a carreira escolar subsequente, ao mesmo tempo que se propicia um melhor rendimento ao ensino.

Do documento ministerial transcrevemos:

«(...) ao abrigo do Decreto-Lei n.º 47 587, de 10 de Março de 1967, determino para começar a vigorar no ano lectivo de 1972-73:

1 — O plano de estudos do 1.º ano do ciclo complementar dos liceus (antigo 6.º ano) consistirá:

a) num conjunto de seis disciplinas, duas das quais obrigatórias — Português e Filosofia ou Matemática e Filosofia — e quatro disciplinas optativas, a escolher de

entre as disciplinas actualmente professadas no ensino liceal:

b) nas disciplinas de Educação Física e de Religião e Moral, nas condições em vigor.

2 — O horário semanal correspondente às disciplinas indicadas na alínea a) do n.º 1, nunca poderá exceder 25 horas.

3 — Mantém-se, para cada disciplina, o regime de passagem e o número de horas actualmente em vigor.

4 — Mantém-se igualmente em vigor os programas existentes, alguns deles com simplificações imediatas que se julgaram desde já aconselháveis e exequíveis.

5 — Para os alunos que no próximo ano lectivo iniciem o curso complementar segundo o regime agora definido, o ingresso de despacho a proferir a curto prazo, de aprovação nas disciplinas sobre as quais, conforme os casos, incide, no regime em vigor, o respectivo exame de admissão (...).

Não há dúvida que os nossos dicionaristas, com a meticulosidade que os caracteriza, outorgaram que FÉRIAS (em sentido figurado) é sinónimo de descanso. E o sentido figurado foi, desde logo, posto à prova na primeira altura que alguém tem as suas férias, mormente se se deslocar para a aldeia, para a praia, para as termas. É um nunca acabar de cuidados, de trabalho ingente na preparação das malas, bastas vezes arreliadoras e nervosas discussões entre a família, pela falta disto e daquilo, etc., etc.

Passamos, desde que nascemos, nestas canseiras, especialmente quando tínhamo-nos de nos deslocar do Porto para Santo Tirso, pois em casa tudo andava numa dobadora, oito dias antes para a deslocação até uma quintarola que então existia naquela vila. Na volta, passado um mês, outro tanto acontecia. Resultado: o descanso, se o havia, era apenas de 15 dias, pois os outros quinze eram tragados nas contumélicas andanças da partida e do regresso.

Talvez por isso, nunca se nos ofereceu ensejo de estarmos mais que três dias em descanso, quando em férias. E, deste modo, durante o mês de Junho aproveitamos

Escola Preparatória de Sá de Miranda

Documentos a apresentar pelos candidatos no acto da sua inscrição.

Os alunos que concluíram a 4.ª classe com aprovação devem apresentar os seguintes documentos:

- a — certidão de idade.
- b — certidão de aproveitamento do exame da 4.ª classe.
- c — Atestado médico comprovativo de que o aluno não sofre de doença contagiosa.
- d — Boletim individual de saúde.
- e — bilhete de identidade.
- f — um selo fiscal de 6\$00.
- g — a quantia de cinco escudos.

as férias para percorrer parte de Trás-os-Montes, Minho e Aveiro. Ficamos maravilhados com a construção que se nos deparou pelos caminhos, com a qual nos familiarizamos e da qual tiramos conclusões apreciáveis do poder subjugante do nosso emigrante, não deixando a sua marca por terras alheias, mas sim a faz perdurar através da casinha, construída, senão no local onde nascera, muito próximo deste.

Durante esses três dias que permanecemos fora de casa sempre quisemos auscultar opiniões de vultos, cuja mentalidade está um pouco deformada, talvez pelo saudosismo dos tempos idos, objectando o seu desgosto, com a falta de harmonia entre o casal antigo da província e o novo casal, ora construído.

Não pode ser assim! O Progresso, tão evidenciado em toda a parte, não podia

(Continua na 4.ª página)

5.ª COLUNA

Fiquei um pouco chocado com a notícia da não abertura da fronteira, em Portela de Homem, como já disse ao meu Leitor, pelo facto de ter visto com os meus próprios olhos (pois então!) do lado de Espanha, a quase concluída construção do posto da Guarda. É que, mercê da atenção do nosso oficial da guarda portuguesa, pude ir até ao lado de lá analisar conscientemente todo o trabalho que os espanhóis estavam a processar. E fiquei tão chocado que mais se avolumaram as preocupações quando li no Jornal que a sua não efectivação se devia às autoridades espanholas.

Hoje, porém, vejo também no Jornal um telegrama da *France - Presse* informando que a Imprensa madrilena da tarde dá grande relevo a um discurso proferido no Conselho Sindical Económico das províncias de Badajoz, Cáceres e Huelva, pelo Ministro espanhol e comissário do Plano, sr. Laureano

(Continua na 4.ª página)

Festas ao Senhor da Saúde - LAGO Adoração



Como já é tradicional, a festa ao Senhor da Saúde em Lago, nós queremos lembrar algumas partes mais importantes do programa.

Hoje, dia 15, às 21,30 h. - Procissão de velas e à noite sessão de fogo.

Dia 16, às 11 h. - missa cantada a grande instrumental.

A's 14,30 h. - dará entrada, no largo do Paço, a distinta banda de Amares e Oliveira - Barcelos.

A's 17 h. - Magestosa Procissão.

A' noite grandioso concerto pelas duas bandas.

Final - Vistosa sessão de fogo de artifício.

Fui perguntar ao céu, donde cai neve:
--Ainda não são horas, porventura,
De embriegar de sol a noite escura,
A longa noite desta vida breve?

Porque hei-de ter a dor que ninguém teve
De ser só lama e desejar brancura,
De querer transcender minha loucura
Sem descobrir a força que me eleve?

No mar vasto de Dúvida e Certeza
Que trago, em tempestade, aqui no peito,
A voz do céu responde, com firmeza:

--Que sabe o nada de que tu és feito
Dos abissais mistérios da Grandeza
De Deus? Que sabes tu? E eu calo e aceito.

EM BRAGA

PREFIRA

RESTAURANTE AVENIDA

DE

Eugénia Ferreira de Oliveira Machado

e

Manuel Gomes Machado

Almoços, Jantares, Serviço de Casamento

e à Lista

Avenida Central, 131—Telefone 24357—Braga

CALAFRIO

Continuado do número anterior)

receio para ganhar mais liberdade para os seus desígnios. O meu receio era ver-me impelida a abordar o caso da expulsão do colégio, isto é, o problema de todos os horrores que esse facto escondia. Que o tio viesse para tratar comigo de tudo isso, eis uma solução, para com franqueza, que eu desejava, agora, ver realizar-se; mas sentia-me tão pouco capaz de encarar o que nisso havia de feio, assim como a mágoa que isso me causava, que adiei essa resolução e fui deixando passar o tempo. Para meu maior insucesso, o pequeno estava muitíssimo do lado da justiça e numa situação em que lhe seria permitido dizer-me:

« Ou a Miss esclarece com o meu tutor o mistério da interrupção dos meus estudos ou perder as esperanças de me ver continuar a seu lado uma vida perfeitamente imprópria de um rapaz. »

Nada natural nele era aquela inesperada revelação arquitectada astuciosamente e segundo um plano.

Eis o que me continha e me impedia de entrar na igreja. Caminhei em volta do templo, hesitando, rondando; pensava que o choque que se dera entre nós já não podia ser reparado. Não me era possível, por conseguinte, pôr naquilo qualquer remendo, e seria esforço demasiado para mim ver-me obrigada a cingir-me a ele no genuflexório, sendo mais certo do que nunca que ele enfiaria o braço no meu e me faria sentar ali, durante uma hora, em apertado e silencioso contacto com o seu comentário à nossa conversa.

Logo desde princípio e após a sua chegada, que eu desejara afastar-me dele. Ao parar sob a grande janela de leste, para ouvir o murmúrio das orações, senti-me influenciada por um impulso que se assenhoreava completamente de mim, percebia, desde que lhe dispendesse o mais pequeno encorajamento. Se me fôsse embora para sempre, poderia facilmente pôr ponto final a tudo aquilo. Eis onde estava a minha salvação; não havia ninguém que me impedisse; podia renunciar a tudo — virar costas e partir. Bastava que me apressasse em volta a casa para fazer os meus preparativos, pois Bly, com a maior parte dos criados na igreja, devia estar desabitado. Ninguém, numa palavra, teria o direito de me censurar, se seu partisse naquele

desespêro. Seria ir-me embora, limitar-me a não aparecer senão ao jantar? Não passaria de uma fuga de algumas horas, e decorridas elas — tinha o presentimento de, que assim aconteceria — os meus pupilos fingir-se-iam ingenuamente admirados por eu não ter aparecido na comitiva deles.

« Que esteve a fazer, Miss, sua má, sua desobediente? Por que é que nos quis perturbar assim — desviou a nossa atenção para com os actos religiosos, sabe? — deixou-nos à porta da igreja? » Eu não poderia suportar tais perguntas nem os falsos olhares deles quando me estivessem interrogando; e tal era a certeza de que me não esperava outra coisa que à medida que essa ideia ia crescendo em mim mais me decidia a partir.

De facto, naquele momento, parti: fui direita ao adro da igreja, e, resoluta dirigi-me para o parque. Afigurava-se-me que quando chegasse a casa estaria resolvida a fugir cínicamente. O sossêgo de domingo, tanto dentro de casa como nas imediações, pois em Bly não encontrei ninguém, incitava-me a aproveitar a oportunidade. Caso eu me decidisse a despedir rapidamente, evitaria qualquer cena antes de partir e partiria sem uma palavra. Era preciso ser muito espedita, no entanto, e o problema do transporte era o que mais me preocupava. Sentindo-me torturada de dificuldades e obstáculos, lembro-me de me ter deixado cair ao fundo da escada, no hall, no degrau mais baixo, com um súbito desfalecimento, e, então, reagindo, recordei-me de que fora precisamente ali, havia mais de um mês, que eu vira, no meio das trevas da noite, e oprimida, como agora, por coisas infernais, o espectro da mais horrível das mulheres. Perante isto, senti-me com forças para me erguer; e, prosseguindo o meu caminho, dirigi-me, confusa à sala de estudo, onde havia coisas que me pertenciam e eu necessitava levar comigo. Mas abri a porta para que os meus olhos se me abrissem, outra vez, num relâmpago. Ao ver quem ali estava, a minha resistência vacilou.

A' clara luz do meio-dia, sentada à minha mesa, vi uma pessoa que, se não fosse a minha experiência anterior, eu poderia ter tomado por qualquer serva deixada em casa de guarda à residência, e a qual, aproveitando-se de um raro repouso na sua vigilância e da mesa da sala de estudo, hem como das minhas canetas, da minha tinta e do meu papel, estivesse a tentar escrever, uma carta para o « mais que tudo ». Toda ela figurava absorvida em qualquer esforço; tinha os braços sobre a mesa e as mãos, numa fadiga evidente, amparavam-lhe a cabeça: quando, de facto, dei por isso, já observara que, a pesar da minha chegada, ela continuava na mesma atitude. Vi de quem se tratava — como se, realmente, ela se quisesse dar a conhecer a si própria

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

A Última Conversa

Foi um suspiro de um coração maguado a última conversa do professor Marcello Caetano dirigida ao país, responsável solidário qualquer fracasso. O exército, a aviação e a marinha são as sentinelas vigilantes do martírio que nos estava reservado para juntar às páginas da História mais um feito, mais uma prova do valor das nossas forças armadas e do seu sacrifício em obediência aos imperativos sociais e humanos. Tudo isto poderia tomar rumo diferente se os nossos amigos amigos representados diplomaticamente e que tanta amizade manifestam à chegada ou em banquetes gasosos que lhes são oferecidos, definissem as suas posições nas reuniões que na ONU convoca ou provoca para denegrir a honra de Portugal e consentir na carnificina. Lamentavelmente a diplomacia é uma faca com dois gumes e as amizades tem os seus preceitos e preconceitos. As consequências deste abandono ou falta de solidariedade estão à vista até dos menos espertos que sabem que a Rússia e a China poderão dominar o Mundo porque os restantes perderam o tempo em conversas diplomáticas, mézinha pouco usada por quem tem as ideias preconcebidas de vencer.

Nixon representa uma grande nação que já é pequena para a força das «duas comadres». Basta um entendimento Sino-Russo para o resto ficar abafado, para saber que a hipocrisia resultou em benefício dos bárbaros. Que Portugal há anos provou por palavras e actos que é grande em tudo que traga benefícios próprios e alheios, é um facto indelével pelas pessoas, e muitos, de elevado conceito internacional que nos visitam e vivem afastados dos bastidores políticos internacionais. Todas as esperanças de podermos contar com a liberdade política e religiosa estavam e estão ainda nos E. U. pelo seu interesse comercial e industrial no Mundo. Nada mais preocupa os governantes americanos senão essa independência necessária à sua sobrevivência e por causa desses amigos não viram as costas à Europa, mas não é por causa de Portugal que eles respeitam como base de apoio dos seus desígnios. Tudo isto é mais que sabido pelo povo e governo português. O nosso presidente do conselho está ciente e consciente de todas essas realidades expostas na sua última con-

versa em família com a grande mágua de, não ser correspondido nos seus constantes apelos diplomáticos com exposições claras da situação Europeia perante as manobras e violências com resultados já à vista da situação em que muitas nações já vivem que será também a de toda a Europa se a América e as nações deste continente não se opuserem pela força aos maquiavélicos manejos Sino-Soviéticos.

Termas de Caldeas

A riqueza mineral de Caldeas leva longe a fama das suas águas e o nome do concelho de Amares a que pertence. De ano para ano aumenta o número de aquistas à procura do alívio que essa linfa oferece a tantos padecentes. Por esta razão o futuro dessa terra está assegurado pela própria Natureza. Os bons hotéis e pensões são o resultado do movimento a exigir, até por decêro, melhores e mais confortáveis condições públicas e recreativas. Para isso lá está uma Junta de Turismo que se tem mostrado ineficaz ou incapaz. Alguém de Caldeas lamentou que a terra se não desenvolva para cada vez mais aquistas apareçam com as famílias a passar os 20 dias divertidos e a louvar a acção dos responsáveis pelo progresso das terras. Nós que conhecemos esse simpático logradouro há muitos anos manifestamos aos proprietários das casas de hóspedes o nosso reconhecimento pelo que fizeram para honrar a terra e o seu honesto comércio. Mas lamentamos que esse Turismo pouco turístico viva pasmado a pamar o desenvolvimento de pequenas coisas que Caldeas precisa para ser benquista em todos os sentidos. O Monte de S. Pedro, essa joia encostada no monte está por descobrir pelos aquistas sem binóculo. O Povo de Caldeas juntou-se e fez à sua custa uma estrada até Sto Ovídio e ali está o Santo dos ouvidos que não cura da surdes os elementos dessa Junta de Turismo. Os dois quilómetros que o separam do S. Pedro lá estão para a gente nova subir se forem alpinistas. Lá está um retiro encantador despresado com a capela de S. Pedro a opontar para o Céu.

Por

Elísio Gonçalves
Carracedo—Amares

Vida e Aniversários

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã, domingo, passa o aniversário natalício o sr. Augusto Justiniano Rodrigues.

No dia 18, o nosso assinante sr. José Gonçalves Leite, conceituado comerciante nesta Vila.

No dia 19 o menino Fernando Manuel Machado da Costa, a residir com seus pais na América do Norte.

Tribuna Livre deseja a todos os aniversariantes que passem um dia muito feliz e que esta data se prolongue por infundáveis anos.

De Férias

Para umas bem merecidas férias encontram-se entre nós o nosso assinante sr. Carlos Magno da Costa Machado, sua esposa e filhinhos que do Canadá vieram matar saudades de sua terra natal.

Desejamos-lhe que gozem umas férias felizes.

Pelo Hospital

Na passada segunda-feira, no Hospital de S. Marcos, da cidade de Braga, foi submetida a uma operação cirúrgica a Ex.^{ma} Senhora D. Rosinha Pena, esposa do nosso estimado assinante sr. Armando Joaquim Dias.

Desejamos à bondosa senhora um rápido restabelecimento, já que a operação correu, felizmente, bem, e em breve regressa ao seio dos seus entes queridos.

BARREIROS

António Abreu Machado

De Angola, aonde garbosamente se bateu em defesa do solo pátrio, regressou ao seio dos seus o sr. António José Abreu Machado, natural de Barreiros.

Houve, naturalmente, festa entre familiares e amigos deste jovem a quem desejamos as maiores felicidades na vida que vai seguir.

Leia

Propague e assine

«Tribuna Livre»

Terminaram em beleza ímpar os festejos a N.ª S.ª da Paz

UM REPARO

No passado domingo, e como todos os anos acontece, o Monte da Santinha sobranceiro à Vila foi palco de mais uma manifestação de fé, alegria e sã convívio. Também lá fomos, como não podia deixar de ser, já para respirar um pouco de ar puro, já pelo respeito que temos pelo lugar aonde é venerada a Nossa Mãe.

Quem, como nós, em tempos idos, conheceu e brincou no Monte da Santinha, tempos de escola, não pode, por mais alheio que se queira destas coisas, olhar para lá, ou lá permanecer, sem uma ponta de comoção; primeiro porque se lembra os tempos de meninice, dos tempos que jamais voltarão alegres, despreocupados e puros; Puro, alegre e cheinho de vegetação e atractivos para nós como era o Monte da Santinha.

Hoje, mártir do progresso e da ganância dos homens, está a esventrar-se o Monte da Santinha, o Monte onde tem a sua residência a Imagem de Nossa Senhora da Paz.

Não satisfeitos com a exploração granítica em todos os sentidos, ainda agora, e para cúmulo, aquela em frente à capelinha, e que é visível de todos os quadrantes, é chocante. Será que, quem pode, não reparou ainda, e que, por amor à natureza e ao único miradouro que a Vila possui, e também ao local de veneração, mande, pelo menos, diminuir tamanho descalabro?

Certo e sabido que os terrenos têm proprietários que podem dispôr como lhes der na real gana, infelizmente, olhando ao sítio, e que os exploradores, depois que pagam, também podem explorar como lhes apetercer e aprover.

Mas... e o local? Não existe ali uma capelinha onde se presta culto à Mãe de Deus? Não será, de facto, um dos miradouros mais formosos que a Vila tem? Infelizmente que hoje, não sei se em tempos idos seria assim, não se olha a outra coisa que não seja o dinheiro, sempre dinheiro para que o ventre da «burra» fique saciado até vomitar.

Ao menos Vós, Senhora, quando os responsáveis por este descalabro forem chamados à presença do Vosso divino Filho, colhei nos jardins celestiais flores que lançareis na balança da Justiça e no prato do Bem, para contrabalançar, se possível, o mal que tanto fazem, destruindo o que de mais belo tem a Vila, e onde Vós possuís uma Pequena Residência.

CATOLINO

DE VISITA

De visita aos seus familiares encontram-se nesta vila o sr. José Lúcio, Esposa e filhinho que há muito se encontram radicados no Brasil, aonde são importantes industriais.

Que sejam felizes e passem umas férias felizes na terra que os viu nascer.

Telefone dos Serviços dos
Bombeiros V. Amares 62162

Por Caires...

Repondo a verdade

Decididamente! Não concordo com as últimas «Notícias de Caires», do senhor correspondente, neste jornal, e, por isso, venho contestá-las, para, assim, os prezados leitores saberem a verdade e só a verdade.

E não estou de acordo porque, o «grandioso Teatro de variedades», assim lhe chamava o senhor correspondente, não teve nível artístico, cénico, musical, intelectual e até moral, infelizmente.

A comédia «o homem enganador», além de imprópria para crianças, para um salão paroquial e para o meio de Caires, pecou por falta de movimento, dicção e entoação de palavras. No diálogo, o português e sua gramática gritaram queixumes de revolta, por tão mal terem sido tratados, à mistura com gestos sensuais e de interpretação ambígua.

Confesso não ter visto o «namoro sério e honrado» e fui, também, um dos assistentes, levado pela minha curiosidade.

E onde se exibiu o orfeão? Também não o vislumbrei ou escutei. O senhor correspondente teve visões ou delírio. Se estou em erro, diga-me: quantos naipes de vozes o compunham? O que eu ouvi foram algumas canções mal ensaiadas e pior cantadas, cujo colorido eram fífias com toque de tambores, não afinando com a guitarra, regularmente dedilhada, e fora do salão, o rapazio, em barulheira infernal, batia latas e atirava pedras, partindo um vidro da janela. Acaso, senhor correspondente, foi isto o orfeão?

Finalmente, classifico este «grande Teatro de variedades» de imoral, infelizmente. É que, a ele assistiram miú-

dos de palmo e meio, a gente de amanhã, e eu revoltome ao pensar que o olhar simples e o coração puro e inocente das meninas e meninos da minha paróquia, tão cedo sejam profanados e foi pela candura das crianças que Cristo mais pugnou.

Não há dúvida que «não há rapazes maus». Alguns eram mesmo dotados de verdadeiras qualidades e virtudes teatrais, não o nego. Mas a juventude é inexperiente e, por isso, precisa de alguém que a oriente, aconselhe e guie, que coloque o seu entusiasmo, o seu ideal e a sua flama ao serviço do bem, aliás, andar à deriva. Seria este, certamente, o seu grave dever e a sua nobre missão, senhor correspondente de Caires, mas falhou, não cumpriu, mais uma vez.

Diz o nosso povo, no seu saber de experiências feito, que «água benta e presunção (e eu acrescento vinho) cada um toma o que quer». Francamente! É a esta brincadeira lasciva e de mau gosto que o senhor correspondente chama um «grandioso Teatro de variedades»? Não brinque com coisas sérias, ou seja, com a informação do público. Lembre-se que Paulo VI, ainda há pouco, recomendou aos jornalistas o culto da verdade, na sua missão informativa.

Saí a público e só este gravíssimo dever me levou a defender, corajosamente, a ternura, a alvura, a simplicidade e a beleza espiritual dos petizes de Caires, os homens de amanhã da minha terra, pois, nas suas mãos está o património da minha freguesia com o seu futuro religioso, moral e civil, intelectual, familiar e social.

Um assistente

Fraternidade Racial

(Continuado da 1.ª página)

de cabotagem, única existente anteriormente aos meios revolucionários de navegação oceânica inventados pelos portugueses, aqui deixando indeléveis traços de adiantada civilização, a par do conseqüente cruzamento de raças, continuando posteriormente, pela mestiçagem operada durante as Descobertas e Conquistas em todo o mundo. Esta caldeação de raças, a méscia de costumes ancestrais e a experiência milenária de relações sociais com povos de mais variada origem, criaram, nos lusitanos, o dom quase natural da sociabilidade racial, colhido, efectivamente, no elevado sentido de humani-

dade cristã por nós adoptada e que sempre nos serviu de pedra angular no convívio social em todos os tempos, mas de modo particularmente útil e de efeitos quase milagrosos nesta amalgama ideológica e sentimental que assoberba a nossa época.

A Cruz e a Espada, são os símbolos da Fé e do Poder, que, na verdade, acompanharam os portugueses nos momentos decisivos da sua brilhante carreira histórica; e que nos permitem, ainda, continuar a vocação civilizadora de povo pacífico, ao serviço da Fraternidade Racial.

Jaime Macedo

5.ª COLUMNA

«Continuado da 1.ª página»

Lopes Rodó.

É que disse o Ministro? Só isto, que é muito importante:

«Um dia desaparecerão as barreiras alfandegárias artificiais entre a Espanha e Portugal».

Depois fez referência ao progresso alcançado por aquelas províncias, face ao qual, tem esperança de que esse desenvolvimento terá, em futuro próximo, correspondente harmonia do lado de Portugal.

Posto isto, o Ministro confia «no espírito de colaboração e na inteligência política dos governos dos dois países».

Agora, pergunto eu:

— Como é?

As autoridades espanholas não concordam na abertura da Portela de Homem, por tal significar que a fronteira dentro de pouco não é preprecisa? Não me parece! No entanto, seria bom continuar a diligenciar pela sua abertura.

Não é assim, Leitor amigo?

EME ABRIL

Da Guiné

Vindo da Guiné, chegou a S. Vicente do Bico o sr. Fernando Pinheiro Pereira, nosso estimado assinante, que vem gozar um mês de férias com a família e amigos.

Desejamos-lhe umas férias felizes.

Condições de Assinatura

| Continente | |
|---------------------------------------|---------|
| Ano | 50\$00 |
| Semestre | 25\$00 |
| Ilhas | |
| Avião—ano | 150\$00 |
| Semestre | 75\$00 |
| Barco—ano | 60\$00 |
| Semestre | 30\$00 |
| Brasil | |
| Avião—ano | 180\$00 |
| Semestre | 90\$00 |
| Barco—ano | 80\$00 |
| Semestre | 40\$00 |
| Estrangeiro e Províncias Ultramarinas | |
| Avião—ano | 180\$00 |
| Semestre | 90\$00 |
| Barco—ano | 80\$00 |
| semestre | 40\$00 |

Desportos

A Taça Independência do Brasil

Realizou-se no País Irmão uma espécie de mini campeonato do mundo—intitulado oficialmente a «mini-copa» em que além de Portugal, e do país organizador, o Brasil, participaram outras nacionalidades tutebolísticas de renome como a Argentina, Urugai, a Rússia etc. Apesar de não se tratar de um campeonato do mundo, a equipa portuguesa fez-nos recordar esses belos tempos do mundial de 1966. Dos oito desafios disputados apenas perdeu um, contra o Brasil, e pela margem mínima (1-0) no Maracanã perante mais de cem mil espectadores. Portugal classificou-se portanto, no segundo lugar. Após um período menos bom da equipa de todos nós, os pupilos de José Augusto prometem levar o nosso futebol a grandes altitudes. Como curiosidade,

apenas Eusébio fez parte dos magriços de 1966.

Ciclismo

Está disputar-se o Tour de França, onde lá andam dois portugueses, Joaquim Agostinho e Fernando Mendes. Como se esperava, o grande Merckx já anda de amarelo, mas não devemos esquecer a grande perseguição que lhe está a ser movida sobretudo por Ocana e Guimard. Joaquim Agostinho na 5.ª posição parece longo do seu melhor. Recordemos que Agostinho teve uma grande queda na volta à Espanha o que, certamente concorreu para esta menos boa forma a que Agostinho nos habituou. Quanto a Fernando Mendes, está a fazer uma excelente prova se tivermos em conta que é pela primeira vez que entra numa corrida desta envergadura.

Férias

(Continuado da 1.ª página)

deixar de influenciar, mesmo o aldeão, cujos tractores, debulhadoras e outras máquinas agrícolas lhe vieram trazer essa onda gigantesca, aureolada pelos caminhos mais directos do seu bem estar. E, assim, não se coadunaria aqueles casais branquinhos, pendurados nas escarpas da serra, com a serra mecânica da dizima de pinhais; com o maço de tabaco lambido pela mortalha e o menos trabalhoso cigarro feito.

Confessemos que, neste deambular, não encontramos uma só pessoa (e algumas ainda na pujante Juventude) de acordo com a nossa teoria. Pretendem, eles, os senhores da terra» continuar instalados nos seus esplêndidos casais de granito com as minúsculas casas branquinhas à sua volta. Mas entrou uma lufada de ar fresco naquelas inhóspitas paragens, onde só eles, recebiam com agrado e, depois, mostravam aos seus hóspedes, a humildade dos que lhe ficavam rentes...

Numa terra estivemos, on-

de nos contaram a triste história de uma importante empresa pretender montar um complexo fabril que daria trabalho a 3.000 pessoas. Pois a Câmara, mercê de influências perniciosas dos magnates da terra, cujo pessoal poderia (e era certo) optar pela indústria, prejudicando assim os seus interesses nos amanhos das terras que lhes pertenciam, recusou licença para instalar a indústria no concelho.

Porém, nada conseguiram os magnates, felizmente, dada a sua miopia em relação ao progresso da região. A indústria foi instalada num concelho próximo e, da mesma forma, a mão de obra recolhida nos dois concelhos. Pois naquele que recusou a sua instalação continua tudo num marasmo confrangedor, quando no seguinte, construções, estradas, água, luz, está a chegar numa esplêndida e ridente situação para os seus habitantes.

Saudosismo? Parece - nos antes interesses profundamente ogoistas.

Militão Porto

Telefones para serviços

DE — URGÊNCIA

| | |
|-----------------------------|---------------------|
| Casa de Saúde de Amares | 62122 |
| Farmácia Pinheiro Manso | 62127 |
| Guarda Nacional Republicana | 62115 |
| Farmácia Marques Rêgo | 62121 |
| Doutor Eduardo Gonçalves | (Médico) 62145 |
| Doutor José Fernandes | Médico Amares 62122 |